

EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Leidiane Priscilla de Paiva Batista ¹
Edson Oliveira de Paula ²
Tharcia Priscilla de Paiva Batista Matos ³

RESUMO

A exploração dos recursos naturais e a desigualdade social reproduzem uma situação no mundo atual que tem, como uma de suas principais características, a dificuldade de acesso das classes dominadas aos bens de produção, enquanto o restante da sociedade apresenta padrões de consumo desnecessários e exagerados. Para se transformar essa situação, em que uma minoria monopoliza os recursos do meio e uma maioria fica marginalizada desse processo, é indispensável refletir sobre a interação sociedade-natureza e repensar a educação como ferramenta para promoção de uma educação ambiental crítica que desenvolva uma consciência ecológica capaz de questionar a relação opressor-oprimido e apontar caminhos para a transformação social. No presente trabalho, buscou-se contribuir para a construção de uma Educação Ambiental Crítica e Dialógica, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, a fim de superar o distanciamento entre educador e educando. Através do estabelecimento de um diálogo profícuo entre estes, é possível tomar consciência do mundo e, a partir dessa consciência, refletir criticamente sobre as relações sociais vigentes, adquirindo as ferramentas para a transformação da realidade estabelecida. Nesse quadro, a educação ambiental, desde que se proponha a ser crítica e dialógica, desempenha importante papel na construção de uma nova visão de mundo, calcada na reconstrução do processo de ensino-aprendizagem e na busca por novas relações da sociedade entre si e desta com o meio.

Palavras-chave: Dialógica; Pedagogia do Oprimido; Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Através do diálogo e do respeito, é possível a construção de uma educação capaz de romper com a relação: opressor – oprimido, a pedagogia do oprimido, e gerar uma sociedade menos injusta e egoísta (FREIRE, 2016). Educar constitui ao mesmo tempo um fenômeno e também uma necessidade inerente ao ser humano e, para que possa ser realizada de forma concreta, precisa ser compreendida, pois ela se concretiza pelo agir através da práxis, em interação com o outro no mundo (LOUREIRO, 2004a). É necessário que o professor reflita

¹ Doutoranda no Programa de pós-graduação em Ciências Marinhas Tropicais da Universidade Federal do Ceará - UFC, leidianepiscilla@gmail.com;

² Doutorando no Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, edsonoliveirapx@gmail.com;

³ Mestranda no Programa de pós-graduação em Energia e Ambiente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB- UECE, thpris@gmail.com;

sobre sua prática como educador, mas que também permita que o educando contribua no processo formativo. A participação leva a uma maior motivação tanto por parte do professor como do aprendiz. A ausência de diálogo leva a uma educação baseada na opressão, dificultando as classes oprimidas de contribuírem com o ato ensinar-aprender.

A pedagogia do oprimido tende a ser forjada com ele e não para ele, enquanto povos na luta incessante pela humanidade, pois quem, melhor que os oprimidos para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá melhor do que eles os efeitos da opressão e a necessidade de libertação? (FREIRE, 2016). Assim, uma pedagogia com os oprimidos deve fazer objetos de reflexão a opressão e suas causas.

A exploração dos recursos naturais e a desigualdade social reproduzem uma situação no mundo atual que tem como uma de suas principais características a dificuldade de acesso das classes dominadas aos bens de produção, enquanto o restante da sociedade apresenta padrões de consumo desnecessários e exagerados. Para se transformar essa situação, em que uma minoria monopoliza os recursos do meio e uma maioria fica marginalizada desse processo, é indispensável promover uma educação ambiental crítica que desenvolva uma consciência ecológica capaz de questionar a relação opressor-oprimido

A educação ambiental acrescenta uma especificidade à educação de uma forma geral: a compreensão das relações sociedade-natureza. A partir dessa compreensão, é possível a intervenção sobre os problemas e conflitos ambientais. Assim, uma educação ambiental crítica busca contribuir para a construção de novos valores e atitudes, na formação de um sujeito ecológico sensível e solidário as problemáticas socioambientais (CARVALHO, 2004).

Dessa forma, a educação ambiental apresenta papel fundamental na mudança de pensamento e de hábitos da nossa sociedade. Para isso, ela necessita estar baseada no diálogo com as comunidades e as escolas. De acordo com Figueiredo (2007), a construção de uma consciência que reconheça as mútuas relações de dependência entre a sociedade e a natureza é papel da educação ambiental, que deve assumir-se como prática dialógica e libertadora.

Assim, faz-se necessária a construção de uma educação ambiental dialógica para desenvolver uma compreensão sobre as relações entre os seres humanos e destes com o meio ambiente, e a partir dessa compreensão questioná-las. Portanto, objetivou-se, neste trabalho, contribuir para a construção de uma Educação Ambiental Crítica e Dialógica, fundamentada nos pressupostos teórico-metodológicos da Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, a fim de superar o distanciamento entre educador e educando. Buscou-se, ainda, discutir a importância de uma educação ambiental baseada no diálogo e no respeito e refletir como deve ser a ação-reflexão do educador na construção desse processo educativo.

METODOLOGIA

Essa pesquisa tratou-se de uma revisão bibliográfica do tipo narrativa. Para o qual utilizou-se de fontes bibliográficas importantes para fundamentação da temática educação ambiental crítica e transformadora. A revisão narrativa analisa criticamente a literatura publicada em livros, artigos e revistas (BERNARDO; NOBRE; JANETE, 2004).

Dada a importância da contribuição do educador Paulo Freire na educação brasileira e a importância de sua obra que resiste ao tempo, primeiramente foi realizada uma análise de seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2016), obra basilar empregada no presente trabalho. Tal livro foi publicado pela primeira vez, em inglês, nos Estados Unidos, em 1970, entretanto, a versão utilizada foi a 54ª pela Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, publicada em 2016. Feito isso, foram consultados ainda outros trabalhos do mesmo autor (2011; 2007a; 2007b) e publicações de outros autores sobre Paulo Freire; e sobre educação ambiental, tais como Boff (1999), Carvalho (1992; 2004), Figueiredo (2007), Gadotti (1997), Loureiro (2004a; 2004b), Quintas (2004) e Reigota (2017).

DESENVOLVIMENTO

A educação ambiental crítica veio desconstruir o pensamento de que o problema ambiental era o aumento da quantidade de pessoas consumindo recursos ambientais cada vez mais escassos. Este tipo de argumento esteve bem presente até os anos 80 e era bastante difundido pela mídia. A crítica a essa ideia traz a reflexão de que existe uma concentração de consumo dos recursos naturais em determinada camada da sociedade e um incentivo por parte do capitalismo para que a sociedade intensifique o padrão consumista (REIGOTA, 2017). A educação ambiental crítica reflete sobre as responsabilidades da sociedade, em suas várias classes, ante os impactos ambientais enfrentados.

Buscando a inclusão dos vários grupos e agentes sociais, a educação ambiental dialógica propõe uma vivência onde o diálogo é o protagonista. A partir dele, diferentes grupos podem opinar e participar do processo educativo comum, descrevendo anseios, buscando soluções e construindo sonhos (FREIRE; FIGUEIREDO; GUIMARÃES, 2016). De acordo com Loureiro (2004b), educar através da participação e do diálogo torna possível “ler” o mundo, conhecê-lo para transformá-lo e, ao transformá-lo, conhecê-lo.

Transformar enquanto significado de transmutar/ transfigurar, a educação ambiental transformadora atua no reconstruir identidades. Faz com que, em um momento de desconforto, busque-se alternativas coerentes com valores e princípios de um determinado grupo ou indivíduo (LOUREIRO, 2003). Num esforço de superar a educação ambiental conservadora e aproximar a comunidade do processo educativo, seja ele formal ou informal. Para isso, apresenta-se temas inspiradores e problemáticas socioambientais que sejam presentes na vida dos educandos (BARBOSA, 2008).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para se realizar a leitura de mundo com oprimido a fim de juntos alcançarem a superação da cultura dominante e opressora. Para alcançar essa superação é preciso acreditar que é possível a modificação da estrutura social, vencendo o pensamento, muitas vezes interiorizado no oprimido, de que as relações de opressão são naturalmente estabelecidas.

A ideologia fatalista (FREIRE, 2011), imobilizante tenta convencer-nos que a realidade social de histórica e cultural virou algo quase natural. Do ponto de vista desta ideologia, só há uma opção para prática educativa: adaptar o educando para esta realidade.

Deve-se deixar claro o fato de que a educação vai muito além da simples instrução e se ela pretende transformar as condições de opressão, deve enraizar-se na cultura dos povos (GADOTTI, 1997). Na maioria das escolas brasileiras, a prática educativa acaba reproduzindo o modelo conservador de sociedade vigente. Assim, contribui para o “adestramento” do educando para se encaixar como profissional acrítico no mercado de trabalho, incapaz de refletir sobre sua atuação no sistema capitalista, como participa para a produção de lucro para o patrão e conflitos sociais, econômicos e ambientais gerados.

Apesar do ensino bancário, que deforma a criatividade do educando e do educador, o educando não está fadado ao limite, ele pode dar a volta por cima e superar o autoritarismo bancário. Isto, no entanto, não significa que não existe diferença entre o educador “bancário” e o educador “problematizador”. O necessário é que o educando mantenha vivo o gosto pela rebeldia, imunizando-se contra o poder apassivador do “bancarismo, ao aguçar sua curiosidade e sua capacidade de arriscar-se” (FREIRE, 2011).

Paulo Freire (2007a) defende que a postura do educador e da educadora deve ser assumidamente política, uma vez que a educação neutra nada mais é do que um mito, que na verdade afirma a ideologia dominante. Assim, acreditamos que uma pedagogia com os oprimidos deve fazer da opressão e suas causas objetos de reflexão, atentando sempre para a

natureza social e política do processo educativo, sem distanciar-se dos problemas enfrentados pela sociedade como um todo, com foco especial para a comunidade em que está inserida a escola. Assim, constrói-se uma educação crítica com base no diálogo e que se propõe a ser transformadora.

O ato de ensinar exige respeito aos saberes dos educandos, uma vez que a escola deve não só respeitar os saberes que os educandos, principalmente os da classe popular, possuem quando chegam a ela, saberes construídos na prática comunitária, mas discutir com esses a razão de ser desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 2011) e permitir que sugiram caminhos de superação.

O professor deve aproveitar, por exemplo, a experiência que têm os alunos de viver em áreas descuidadas da cidade, por negligência do poder público, para discutir a poluição dos rios, os lixões e os riscos que esses oferecem a saúde pública, levantar a questão de por que não há lixões nos bairros ricos.

Na educação ambiental as questões de cunho cultural e político se situam no centro da vida, da vivência no meio/ambiente. Assim, torna-se necessário perceber a importância dos recursos ambientais, enquanto bem público e do intenso conflito referente à apropriação dos mesmos pelos diversos agentes sociais.

Carvalho (1992) afirma que os conflitos ambientais várias vezes refletem o confronto entre os interesses privados e o coletivo, pois esses conflitos são expressão dos conflitos sociais. Durante o processo a educação ambiental, ao se falar, por exemplo, de poluição e meio ambiente, podemos questionar os educandos sobre o rio da comunidade que está degradado tendo como principal causa o esgoto da indústria ao lado. Por que os recursos naturais, como a água desse rio, é monopólio de uns poucos detentores de capital, enquanto a população tem o seu modo de vida comprometido por não poderem mais pescar e utilizar a água que está poluída? Por que a ganância do industrial vale mais que o direito à vida do pescador e sua família?

Através da reflexão crítica, o ser humano consegue visualizar a situação em que se encontra no mundo e, assim, pode procurar os meios para modificá-la. Freire (2016) defende que o homem, quando toma consciência do mundo que habita e percebe criticamente a sua posição no mundo, passa a agir em busca do que propõe e se propõe. E esse homem não mais apenas vive, ele passa a existir, e essa existência é histórica.

Discutir uma educação ambiental que dialogue com as classes populares e respeite os saberes anteriores do educando, sejam estes formais ou informais, incentiva uma mudança de posicionamento por parte dos educadores, para que estes estimulem, no ambiente educativo, o

questionamento crítico das relações de dominação-opressão e da realidade vivenciada por seus educandos na comunidade em que estão inseridos, possibilitando, dessa forma, o rompimento da relação opressor-oprimido.

Ao se optar pela educação ambiental dialógica, o educador precisa assumir a importância do educando como contribuinte nesse processo educativo. Ao distanciar-se do modelo de educação conservadora, acredita-se no aprendizado e crescimento mútuo entre educador e educando. Ao ver o educando como indivíduo capaz de contribuir com a construção de uma consciência ecológica e de participar do processo de busca de soluções sustentáveis. Para isso, é mister valorizar os seus conhecimentos sobre o meio ambiente e sua experiência no enfrentamento de problemas socioambientais, adquiridos a partir de suas vivências. Segundo Freire (2016), o educador necessita ter humildade para aproximar-se dos educandos. Se ele pensa ser autossuficiente mostra sua incapacidade em construir um diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar uma educação ambiental dialógica que respeite a cultura do educando, o educador não pode em momento algum ser arrogante e se considerar detentor do saber absoluto, esse tipo de atitude não condiz com a educação freireana. Pelo contrário, ele deve estar aberto à cultura da comunidade em que ensina, sendo capaz da construção e reconstrução de si mesmo como educador e pessoa humana, aprendendo junto com o educando. Só assim, nessa comunhão, podem se tornar capazes de superar a opressão vinda da cultura dominante e a exploração descontrolada do meio ambiente. Esta, por favorecer apenas à minoria privilegiada, mantém e aumenta as desigualdades sociais.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Luciano Chagas. Políticas públicas de educação ambiental numa sociedade de risco: Tendências e desafios no Brasil. In: **IV Encontro Nacional da Anppas**. Brasília – DF, 2008.

BERNARDO, Wanderley Marques; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce; JATENE, Fábio Biscegli. A prática clínica baseada em evidências: parte II-buscando as evidências em fontes de informação. **Rev Assoc Med Bras**, v. 50, n. 1, p. 104-8, 2004.

BOFF, Leonardo. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**: A emergência de um novo paradigma, 3ª ed, São Paulo: Editora Ática, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Educação, meio ambiente e ação política. In: ACSELRAD, H. (Org.) **Meio ambiente e democracia**. Rio de Janeiro: Ibase, 1992.

_____. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília MMA, 2004.

FIGUEIREDO, João. **Educação Ambiental Dialógica**: as contribuições de Paulo Freire e a cultura sertaneja nordestina, 1ª ed, Fortaleza: Editora UFC, 2007.

FREIRE, Laísa; FIGUEIREDO, João; GUIMARÃES, Mauro. O papel dos professores/educadores ambientais e seus espaços de formação. Qual é a educação ambiental que nos emancipa?. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 11, n. 2, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 54ª ed, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 43ª ed, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2011.

_____. Alfabetização de adultos e bibliotecas populares – uma introdução. In: **A importância do Ato de Ler**. 40ª ed, São Paulo: Editora Cortez, 2007a.

_____. O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe. In: **A importância do Ato de Ler**. 40ª ed, São Paulo: Editora Cortez, 2007b.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. **Rev Fac Educ**. [online], 1997.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Premissas teóricas para uma educação ambiental transformadora**, 2003.

_____. Educação Ambiental Transformadora. In: Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília MMA, 2004a.

_____. Educar, participar e transformar em educação ambiental. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, 0, p. 13-20, 2004b.

QUINTAS, José Silva. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. In: Ministério do Meio Ambiente. **Identidades da educação Ambiental Brasileira**. Brasília MMA, 2004.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. Brasiliense, 2017.